

Desigualdades sociais, saúde pública e mortes maternas no Brasil: uma revisão de literatura

Laura Ribeiro Hilário Moreira¹

Maria Ligia Ganacim Granado Rodrigues Elias²

1-2 Unicesumar, Maringá, Paraná, Brasil *endereço para correspondência E-mail: laurarhmoreira@gmail.com

Introdução

A OMS define morte materna como o óbito de uma mulher durante a gestação, parto ou até 42 dias após o término da gravidez. No Brasil, foi registrado uma alta taxa em 2021 (107,53 por 100 mil nascidos vivos), quase o dobro de 2019. A mortalidade é agravada por desigualdades socioeconômicas, regionais, raciais e étnicas. As principais causas incluem síndromes hipertensivas, infecções puerperais, hemorragias e abortamentos inseguros. A meta brasileira é reduzir a mortalidade para até 30 por 100 mil até 2030.

Objetivos

Compreender mortes maternas evitáveis no Brasil, considerando classe social, raça e etnia, para identificar principais causas e políticas de prevenção e redução.

Metodologia

Revisão bibliográfica sistematizada, através do levantamento de dados de 70 artigos selecionados no Pubmed; filtrados para 12 relevantes, analisando a mortalidade materna e suas relações sociais. A revisão seguiu metodologia rigorosa e usou o Checklist PRISMA para garantir qualidade.

Resultados

A causa principal de morte materna muda de acordo com as regiões e microrregiões, mas em quantidade de óbitos maternos, Nordeste, Centro-Oeste, periferias, regiões rurais e amazônica registram maior mortalidade, atrelado aos fatores financeiro e localidade. A mortalidade aumentou com a COVID-19, com mulheres negras enfrentando maior letalidade e desafios no acesso à assistência. Há vulnerabilidade de mães indígenas, para além do acesso, também pela percepção individual e cultural das necessidades de cuidado e, conseqüentemente, na busca por atendimento; evidenciado pela alta proporção de óbitos em domicílio.

Conclusão

Identificou-se que as principais causas de mortes maternas afetam mais mulheres de baixo poder aquisitivo e grau de escolaridade e com difícil acesso à saúde por questões de localidade. Os artigos propõem melhorias na assistência pré-natal, manejo do período expulsivo do parto, fortalecimento da Rede Cegonha, educação sexual, e treinamento de profissionais. Destacam a necessidade de melhorar registros de raça/cor e a importância de mais pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Assistência integral à saúde da mulher; Disparidades socioeconômicas em saúde; Mortalidade materna.

Referências

Carvalho, P. I.; Frias, P. G.; Lemos, M. L. C.; Frutuoso, L. A. L. M.; Figueirôa, B. Q.; Pereira, C. C. B.; Barreto, I. C.; Vidal, S. A. Perfil sociodemográfico e assistencial da morte materna em Recife, 2006-2017: estudo descritivo. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 2020; 29(1).



Estima, N. M; Alves, S. V. Mortes maternas e de mulheres em idade reprodutiva na população indígena, Pernambuco, 2006-2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*.2019; 28(2).

Góes, E. F.; Ferreira, A. J. F.; Ramos, D.. Racismo antinegro e morte materna por COVID-19: o que vimos na Pandemia?. *Ciência & Saúde Coletiva*. Set 2023; 28(9): 2501–2510.

Martins, E. F.; Almeida, P. F. B.; Paixão, C. O.; Bicalho, P. G.; Errico, L. S. P. Causas múltiplas de mortalidade materna relacionada ao aborto no Estado de Minas Gerais, Brasil, 2000-2011. *Cadernos de Saúde Pública* . 2017; 33(1).

Martins, H. E. L.; Souza, M. DE L. DE .; Arzuaga-Salazar, M. A. Maternal mortality from hemorrhage in the State of Santa Catarina, Brazil. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. Out 2013; 47(5): 1025–1030.

Mendonça, I. M.; Silva, J. B. F.; Conceição, J. F. F.; Fonseca, S. C.; Pinto, C. B. Tendência da mortalidade materna no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, entre 2006 e 2018, segundo a classificação CID-MM. *Cadernos de Saúde Pública*. 2022; 38(3): e00195821.

Michels, B. D.; Marin, D. F. D.; ISER, B. P. M. Increment of Maternal Mortality Among Admissions for Childbirth in Low-risk Pregnant Women in Brazil: Effect of COVID-19 Pandemic?. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*. Ago 2022; 44(8): 740–745.

Motta, C. T.; Moreira, M. R. O Brasil cumprirá o ODS 3.1 da Agenda 2030? Uma análise sobre a mortalidade materna, de 1996 a 2018. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2023; 26(10): 4397-4409.

Nações Unidas Brasil. UNFPA: Mortalidade materna no Brasil aumentou 94,4% durante a pandemia. [S.l.]: Nações Unidas Brasil; 19 out. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/203964-unfpa-mortalidade-materna-no-brasil-aumentou-944-durante-pan-de-mia>.

Osanan, G. C.; Padilla, H.; Reis, M. I.; Tavares, A. B. Strategy for Zero Maternal Deaths by Hemorrhage in Brazil: A Multidisciplinary Initiative to Combat Maternal Morbimortality. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*. 2018; 40(3): x-y.

Pacagnella, R. C.; Pereira, M. N.; Sponholz, F. G.; Aguiar, R. A. L. P.; Guerra, G. V. Q. L.; Diniz, C. S. G.; Campos, B. B. N. Maternal Mortality in Brazil: Proposals and Strategies for its Reduction. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*. 2018; 40(9).

Silva, B. G. C.; Lima, N. P.; Silva, S. G.; Antúnez, S. F.; Seering, L. M.; Restrepo-Méndez, M. C.; WEHRMEISTER, F. C. Mortalidade materna no Brasil no período de 2001 a 2012: tendência temporal e diferenças regionais. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2016; 19(3): 484-493.

Rodrigues, M. N. G.; Vieira, F. M. S. B.; Silva, P. R. V.. Análise das recomendações das Comissões Regionais de Mortalidade Materna para os casos de óbitos por aborto provocado no Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 2021; 37(6).